

TENENTE MELLO: UM SOLDADO DESCONHECIDO

Maria Teresa Garritano Dourado

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

ts.dourado@uol.com.br

Em dezembro de 1864, na distante Província de Mato Grosso, a mais isolada e esquecida pelo governo monárquico e abandonada à própria sorte, deu-se a ocupação paraguaia, por água, comandada pelo coronel Vicente Barrios e, por terra, comandada pelo coronel Francisco Isidoro Resquin. O Império do Brasil foi envolvido por uma guerra inesperada, apesar de vozes isoladas alertarem para uma possível agressão do lado paraguaio, das constantes alertas enviados pela correspondência diplomática em Assunção e pelo Palácio do Governo da Província de Mato Grosso ao Governo Imperial. Existiam por parte do governo paraguaio, indícios evidentes de preparo para uma guerra, devido ao quadro de tensão na região da bacia do Rio de la Prata¹. Essa invasão foi bem preparada, precedida do levantamento de informações por espões, indivíduos escolhidos e escalados que desde 1862 percorriam o vasto território em busca de dados, organização, pontos fracos e fortes da região fronteira (BARROS, 2012). O General Raul Silveira de Mello diz que “os governos paraguaios procediam, como quaisquer outros governantes, à espionagem e à busca de informações além das fronteiras” (MELLO, 1961). De fato, o Brasil achava-se totalmente indefeso, despreparado e esboçaram pouca reação, a ponto de seis meses depois de iniciada a luta, não ter conseguido tomar a ofensiva. John Keegan, historiador militar inglês, ensina que “a história escrita do mundo é, em larga medida, uma história de guerras, porque o Estado em que vivemos nasceu de conquistas, guerras civis ou lutas pela independência” (KEEGAN, 1996). Escrever sobre uma guerra é tratar dos medos, dos traumas, é lembrar as atrocidades, estupros, misérias, mortes, doenças, epidemias e fome que matam, das rupturas, das separações de famílias e da orfandade. “Um pesadelo na história da América do Sul que indelevelmente marcou a vida do ponto

¹ Estuário atlântico da América do Sul, formado pelos rios Paraná e Uruguai, que separa a Argentina do Uruguai e em cujas margens ficam Buenos Aires e Montevidéu.

de vista material e emocional de várias gerações: das que dela participaram e das gerações futuras” (PERARO, 2006).

É preocupante que, a despeito da farta documentação existente sobre Mato Grosso do século XIX, parte dela inédita, ainda existam graves problemas na realização da investigação histórica, sobretudo na área da História Social, sendo que os mais graves são: a descontinuidade de informações e a falta de disposição para a pesquisa em arquivos que, para muitos, são entediantes, empoeirados, vazios, alguns escuros e distantes de casa. Contudo, a História precisa, muitas vezes, penetrar nesse mundo e dar vozes ao passado. Estudiosos, brasileiros e estrangeiros, no exercício da pesquisa, dedicaram-se em enumerar fatos ocorridos durante os sete anos que a guerra durou (1864-1870). O percurso escolhido para esta pesquisa abandonará os caminhos tradicionais que privilegiaram a história militar, política, econômica e diplomática tão comuns nos séculos passados, para descobrir e trazer à luz fatos ainda desconhecidos do grande público e até do contingente militar da atualidade. De fato, durante as últimas décadas, vários historiadores em uma ampla variedade de períodos, países e tipos de história, conscientizaram-se do potencial para explorar novas perspectivas do passado proporcionadas por fontes como os relatórios militares de viagens e diários² do ponto de vista do soldado e não do grande comandante. Tradicionalmente, a História tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato do feito dos grandes, mas recebeu um grande incentivo a partir de 1966 com o conceito da história vista de baixo entrando definitivamente na linguagem comum dos historiadores (THOMPSON, 1996).

Esta perspectiva atraiu de imediato historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história (SHARP, 1992, p. 30).

Pesquisando e analisando documentos, observa-se a importância da História Social da guerra que traz à luz episódios desconhecidos da maioria dos brasileiros. De fato, ao anoitecer do dia 26 de dezembro de 1864, foi avistada próximo ao Forte de

² Ver a esse respeito, entre outros, o Diário da Campanha do Paraguai, de Francisco Pereira da Silva Barbosa.

Coimbra, a força naval paraguaia sob o comando do coronel Barrios e que se compunha de 11 navios de guerra, 39 peças de artilharia de bordo e posição e de 3.200 homens. O Forte era comandado pelo capitão Benedito de Faria e contava com 17 canhões e 115 homens para defendê-lo, número que chegava a 150 pessoas, se somado a mulheres e índios (FILHO,1969). A guarnição brasileira foi intimada a se render, mas a ordem foi rechaçada pelo coronel Hermenegildo Portocarrero, comandante do Distrito Militar do Baixo Paraguai que na ocasião se encontrava inspecionando o Forte. Combates foram travados por dois dias, mas com pouca munição foi determinada a evacuação, na noite de 28 de dezembro. É um fato curioso para a História Militar: oito navios paraguaios, entre eles cinco vapores e algumas chatas, não ouvem, em um ponto tão estreito do rio, o movimento do vapor brasileiro Anhambaí e deixam-no evadir-se com toda a guarnição, (Figura 3³). Esse acontecimento único na guerra só se explica, provavelmente, por não haver um único dos navios do coronel Barrios subido o rio até acima do Forte, demonstrando que, apesar da superioridade numérica havia receio das peças da fortaleza.

Chegando a Corumbá, os defensores do Forte encontraram toda a população em pânico com notícias da chegada iminente dos invasores paraguaios na região. O coronel Carlos Augusto de Oliveira, seus comandados e parte da população fugiram no vapor Anhambaí com destino a Cuiabá. Abandonados, soldados e famílias de civis tentaram fugir de todos os meios possíveis, em lanchas e na escuna Jacobina rebocada pelo Anhambaí, o que não foi possível devido a superlotação. Desembarcados e liderados pelo Tenente João de Oliveira Mello, a solução encontrada pelos fugitivos cujo número aumentava cada vez mais durante a marcha, foi seguir a pé e em alguns batelões até Cuiabá.

Não foram poucos os combatentes que se evidenciaram durante a guerra demonstrando coragem e patriotismo. Um dos acontecimentos históricos mais significativos vividos por Cuiabá aconteceu na manhã de 30 de abril de 1865, quando o Tenente João de Oliveira Mello (Figura 1), conseguindo romper por duas vezes o cerco mantido pelas tropas paraguaias, a primeira no Forte de Coimbra e a segunda liderando a

³ Por decreto nº 3.492, de julho de 1865, foi concedida uma medalha aos oficiais, praças e voluntários que compuseram a guarnição do Forte Nova Coimbra nos dias 26, 27 e 28 de dezembro de 1864. A fita, da largura de dois dedos, tem duas listras encarnadas nas extremidades e listra preta no centro. A medalha tem no anverso a inscrição – Valor e Lealdade; e no reverso, - 26, 27 e 28 de dezembro. Forte de Coimbra, 1864.

retirada das forças militares estacionadas em Corumbá, chegou à capital da Província depois de quatro meses percorrendo regiões inóspitas e enfrentando todo tipo de obstáculos.

O Tenente Mello, em relatório oficial apresentado aos seus superiores em Cuiabá, anotou os acontecimentos que pôde registrar durante a marcha até a capital da Província. Nele está registrada uma verdadeira epopeia marcada pelas privações, sofrimentos que custaram a vida de muitos soldados e civis incluindo velhos, mulheres e crianças. (IHGMT, 1927). Marcha que durou uma eternidade, entremeada de horrores e do medo constante de serem alcançados pelo inimigo, percorrendo e atravessando pantanais, enfrentando inúmeros obstáculos que iam desde a falta de médicos e medicamentos que pudessem amenizar os sofrimentos de feridos e doentes até a fome constante (Figura 2). Enfrentaram a morte de diversas formas, não somente vitimados pela bala inimiga, convivendo ao mesmo tempo sob pânico, medo, fome, doenças, disputas internas e crimes. O Tenente relatou com detalhes impressionantes a trajetória de um grupo heterogêneo de pessoas num dos momentos mais dramáticos da história da Guerra do Paraguai (Anexo 01). Marcha relatada por inúmeras publicações de época, como por exemplo:

Não será fácil encontrar narrada nas páginas da história universal, uma jornada tão heróica como está dirigida pelo esforço sobre humano de João de Oliveira Mello, conduzindo desde Corumbá, até Cuiabá, através dos pantanais e na pior estação do ano, não uma força disciplinada formada por homens fortes; mas uma multidão faminta composta de soldados, velhos, mulheres e crianças (IHGMT, 1919).

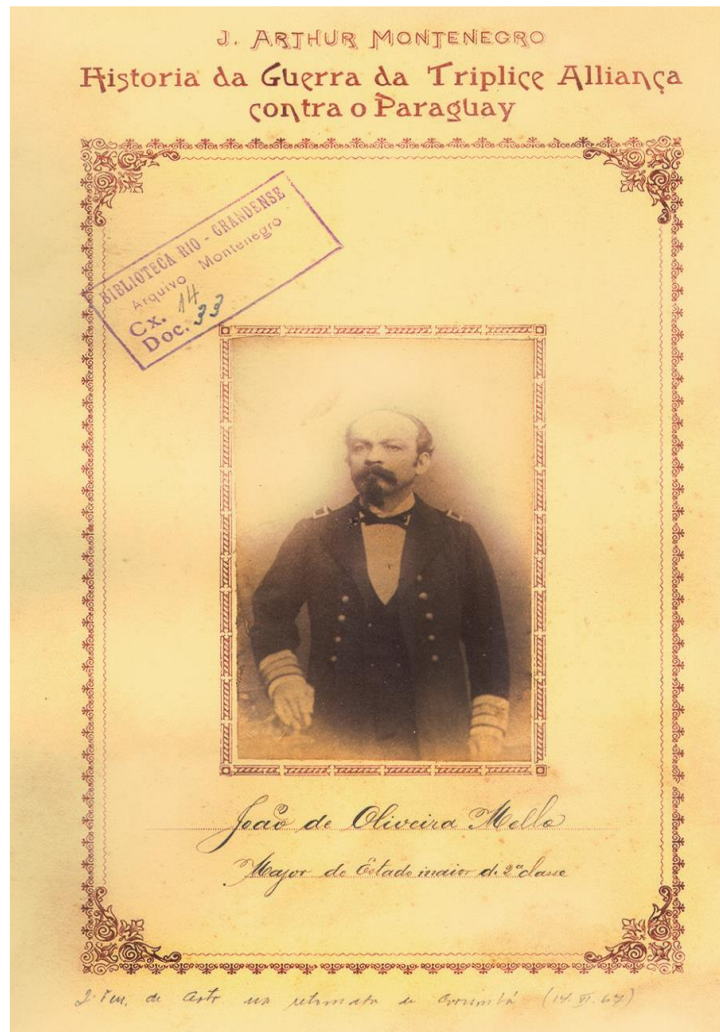
Em Cuiabá, seguindo as palavras de ordem do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso Pro Pátria! Tornar a Pátria sempre conhecida, as homenagens ao Tenente Mello foram intensas e realizadas de diversas formas, entre muitas outras, a poesia publicada.

Quando, á frente do povo imenso e bello
De mulheres, creanças e anciões,
Que salváras do exílio e do cutello,
Atravéz de cem léguas de sertões,
Entraste com um Cid tão singelo,
Na cidade a sorrir-te em mil festões,
A alma da Pátria sobre ti, ó Mello,

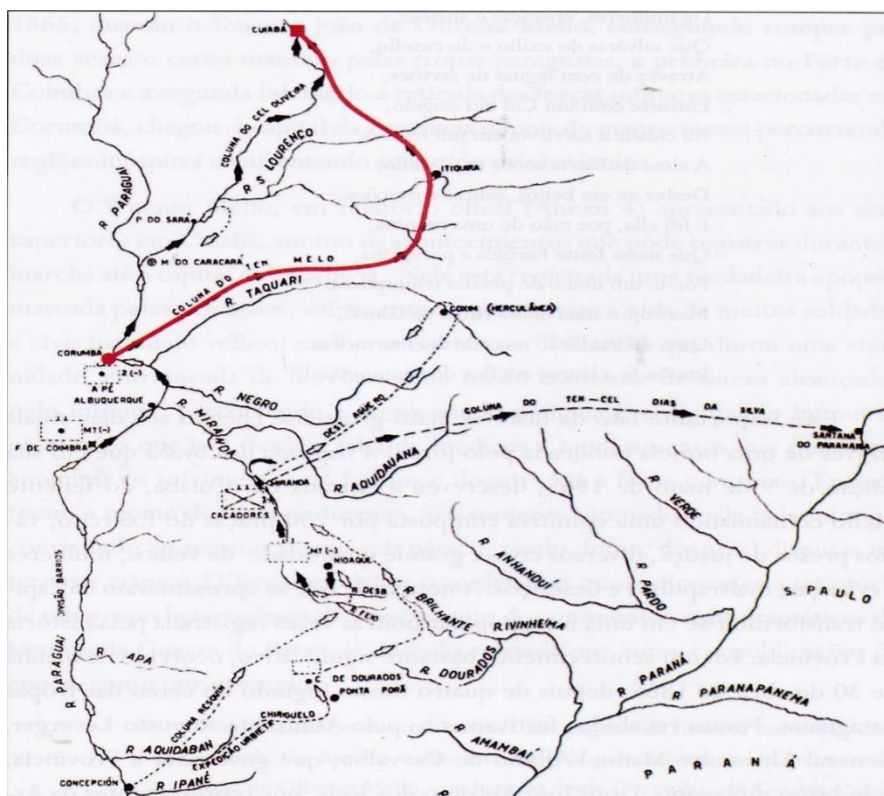
Desfez-se em beijos, cantos e ovações.
E foi ella, por mão de uma menina,
Que nessa fonte heróica e peregrina,
Poz-te um ninho de pétalas triumphaes.
Mas hoje é uma deusa rútila da Gloria,
Que, do Pantheão na cathedra marmórea
Impõe-te a láurea em flor dos immortães!

Esse importante fato da história mato-grossense chegou aos dias atuais através de uma notícia publicada pelo jornal A Imprensa de Cuiabá que em sua edição de 9 de maio de 1865, descreveu a entrada em Cuiabá, do Tenente Mello comandando uma comitiva composta por 230 praças do Exército, vários presos de justiça, diversos civis e grande quantidade de velhos, mulheres e crianças, maltrapilhos e descalços. A notícia de que se aproximavam da capital transformou-se em uma festa popular poucas vezes registrada pela história da Província. Foi um acontecimento bastante significativo, ocorrido na manhã de 30 de abril de 1865, depois de quatro meses fugindo do cerco das tropas paraguaias. Foram recebidos festivamente pelo Almirante Augusto Leverger, General Alexandre Manoel Albino de Carvalho, que governava a Província, pelo bispo diocesano, Dom José Antonio dos Reis, por representantes da Assembleia Legislativa Provincial e da Câmara Municipal de Cuiabá, por autoridades civis e militares, grande número de populares, seguidos de patrióticos discursos. As ruas foram decoradas, com coroa de flores naturais, com participação de toda a população. Alunos de todas as escolas deram vivas à Santa Religião, a S. M. o Imperador e à Integridade do Império. Em uma cerimônia religiosa, na catedral de Cuiabá, composta de todo o clero, foi entoado solene Te-Deum, em ação de graças. Continuando, A Imprensa relatou que, a partir de então, o Tenente Mello ficou conhecido como Mello o Bravo, pai e salvador da comitiva.

Figura 1: João de Oliveira Mello



Fonte: Arquivo José Arthur Montenegro. Biblioteca Rio-Grandense
Figura 2: Coluna do Tenente Mello “O Bravo”



Fonte: História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo

Figura 3: Medalhas à Guarnição que defendeu o Forte de Coimbra, nos dias 26, 27 e 28 de Dezembro de 1864.



Fonte: <http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br/2011/11/medalhas-brasileiras-da-guerra-do.html>

Fonte: <http://www.ahimtb.org.br/medcondbr.htm>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Ruy Coelho de. Espionagem antecedendo a Guerra do Paraguai. In: BORGES, Fernando Tadeu de Miranda, PERARO, Maria Adenir (Orgs.). *Brasil e Paraguai: Uma releitura da Guerra*. Cuiabá, MT: Entrelinha: EdUMT, 2012.

FILHO, Virgílio Corrêa. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. Revista XIV, 1927, Ano IX, T. XVII-XVIII.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO, Revista 2, Ano 1, Tomo II, 1919. Discurso proferido pelo orador oficial, Professor Philogonio de Paula Correa, 1º Secretário do IHGMT, em reunião inaugural do Instituto.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO, Revista 2, Anno 1, Tomo II, 1919, p. 114-115.

KEEGAN. John. *Uma história da guerra*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MELLO, Raul Silveira. *História do Forte de Coimbra*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1961.

PERARO. Maria Adenir. Guerra e violência: Faces e Pesadelos na História. In BORGES, Fernando Tadeu de Miranda, PERARO, Maria Adenir (Orgs.). *Sonhos e pesadelos na História*. Cuiabá, MT: Carlini&Caniato: EdUMT. 2006.

SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992.

THOMPSON, E. P. History from Below, The Times Literary Supplement, 7 de abril de 1966.

ANEXO 1

Relatorio apresentado pelo Te. João de Oliveira Mello acerca de sua viagem de Corumbá á Capital (1865)

Nº 130 – IIImo. e Exmo. Snr. Em observancia do despacho de V. Exca. De 4, exarado no officio datado de 3, tudo do corrente, do Tent. Cel. Commte. Da Guarnição

desta Capital, cobrindo o relatório apresentado pelo 2º Tenente do Corpo de Artilharia da Província João de Oliveira Mello acerca de sua viagem pelos pantanaes do Baixo Paraguay até esta capital, passo a informar com o que me occorrer.

Pouco poderei dizer acerca das diversidades das circumstancias em que se achou esse official, pois que não mais o vi desde a sahida da Povoação de Corumbá no dia 2 de Janeiro ultimo.

Sei que estando elle a bordo do vapopr – Anhanbahy – naquelle dia passára para da Escuna, como refere, mas tendo largado o vapor o porto de Corumbá, ignoro o que então occorrera certo é que o mesmo durante minha viagem para esta Capital sabia-se por noticias de algumas particularidades que refere no seo relatório.

Na minha opinião entendo que este Official prestou muito bons serviços, nas circumstancias em que se achou, e por isso digno de toda consideração. Se me é grato ter assim de exprimir-se acerca deste Official e também dos 2s. Tenentes Manoel Joaquim de Paiva e João Isidoro Chaves pelo procedimento louvável que tiverão, reconhecido por aquelle, peza-me dizer que o que vêm referido acerca do 2º Tenente Antonio Paulo Corrêa o colloca na posição da mais severa censura.

Entendo que as despesas feitas pelo referido 2º Tenente Mello com transporte de sua numerosa comitiva devem ser pagas pela Fazenda Publica.

Nada mais me occorre dizer acerca do referido Relatório. Deos Guarde a V. Exa. – Quartel do Commando das Armas de Mato-Grosso em Cuiabá, 10 de Maio de 1865 – III. Exmo. Sr. Brigado. Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Presidente desta Província – Carlos de Moraes Camisão, Tenente- -Commandante interino.

Conforme.

Joaquim Felicissimo d'Almeida Louzada.

Nº IIImo. e Exmo. Sr. – Tenho a honra de passar ás mãos de V. Exa. o incluso Relatório, que acaba de apresentar-me o 2º Tenente do Corpo de Artilharia da Província João de Oliveira Mello, das occorrencias havidas em sua viagem do Corumbá a esta cidade com a força que commandava. - Deos Guarde a V. Exa. Quartel do Commando da Guarnição da Capital, 3 de Maio de 1865. – IIImo. e Exmo. Sr. General Alexandre Manoel Albino de Carvalho. Dignissimo Presidente desta Província. – Leopoldino Lino de Faria. Tenente – Coronel Commandante da Guarnição. – (Despacho) – Informe com

urgencia o Sr. Tenente Coronel Commandante das Armas Interino com o que lh'ocorrer acerca do relatório junto. Palacio do Governo de Mato-Grosso, 4 de Maio de 1865. A. de Carvalho.

Conforme

Joaquim Felicissimo de Almeida Louzada.

Illmo. e Exmo. Snr. – Tenho a honra de scientificar a V. Exa. em breve relatório as occorencias havidas em meo trajecto de Corumbá a esta capital, com a força sob meo commando:

No dia 2 de Janeiro por occasião da retirada das forças militares estacionadas em Corumbá, achando-me embarcado no vapor de guerra Anhambahy, nelle subi o rio Paraguay ás 9 horas pouco mais ou menos da manhã, passando pela Escuna Jacobina que estava encostada á margem direita deste rio, em cuja Escuna se achava quase todo o corpo de Artilharia, 51 praças do 2º Batalhão de Arta. A pé, 7 da Compa. De Artifices, Guardas da Alfandega, diversos paisanos, e um grande numero de mulheres e crianças, de ambos os sexos. Passando, como o disse pela Escuna as praças que nella estavam, reclamaram com gritos, a minha presença na referida Escuna.

Querendo dar áquellas praças não só uma prova de humanidade, como de amisade e estima pela bravura com que se houverão nos ataques dos dias 27 e 28 do mez de Dezembro pp. no Forte de Coimbra, dirigi-me ao Sr. Cel. Commandante das Armas e pedi-he me concedesse passar para aquella Escuna afim de dirigir as forças que nella estavam, o que me foi negado. De novo pedi-he, dizendo-lhe “Snr. Comte das Armas, aquellas praças ainda não almoçaram até esta hora (9 ½ da manhã), não tem gênero nenhum para a viagem, e de mais são praças do meo Corpo e não tem junto á ellas se quer um official para os dirigir”. Com isso obtive a concessão pedida, e mesmo o vapor aneando mandou-se atracar um escaler e nelle embarquei conjuntamente com o 2º Tenente Antonio Paulo Corrêa, e o sargento Quartel Mestre Antonio Baptista da Cunha, os quaes se offereçeram para me acompanhar, e todos fomos lançados no barranco do rio um pouco distante da Escuna. Tão logo saltei no barranco mandei por algumas praças matar 3 rezes, conduzil-as para a mencionada Escuna, depois do que, embarquei n'um escaler e fui para Corumbá, e alli comprei ao negociante Nicóla farinha e sal, e ao negociante Gines, bolaxas, mandando logo embarcar no dito escaler os referidos gêneros.

No meu regresso para o embarque passei no quartel em que se havia aquartelado o 2º Batalhão de Arta. e ahi achei um quarto com muitos cunhetos de cartuxame, e uma porção de barris cheios de pólvora encartuxada para Artilharia. Não achando nemhum outro meio e inutilizar essa imensa porção de cartuxos tratei logo de formar um rastilho 308 de pólvora até uma distancia conveniente e dahi pretendia, por meio de fogo inutilisa-la. Nessa ocasião apparecerão os negociantes estrangeiros Nicola e Bianchi e outros indivíduos tambem estrangeiros e pedirão-me não deitasse fogo á pólvora, que elles se compromettião a deitar no rio todos os cunhetos e barris, o que em minha preseça cumprirão; depois do que desci para o porto e embarquei no escaler com direção á Escuna; entrando nella ás 5 ½ horas da tarde do já indicado dia 2, hora essa em que dei principio á viagem mandando espiar dita Escuna. Neste trabalho estive toda a noite de 2 para 3. No dia seguinte (3) continuei o mesmo trabalho de espia até 3 horas da tarde que, ventando fracamente no rumo que se seguia içou-se dos pannos nos mastros da citada Escuna, e andou-se com auxilio do vento até 6 horas da tarde do indicado dia. A's 5 ¾ o vigia do mastro de proa deu-me parte de um vapor Paraguay subia o rio Paraguay e já se achava na altura do Ladario, e minutos depois que havia fundeado no porto de Corumbá; e ás seis, tudo da tarde, de um outro vapor apparecia na mesma altura que o primeiro, e mais logo que havia fundeado no mesmo porto; não havia vento, e ainda mais que com oauxilio do espia muito morosamente se viajava, e finalmente que os vapores virião á caça da força embarcada na Escuna, resolvi ás 7 ½ horas da noite do dia em questão dar embarque a força e particulares, cuja resolução effetei, fazendo, depois de ter desembarcado toda a gente inclusive 4 marinheiros da tripulação, rodar a dita Escuna e escaleres a ella pertencentes; tapando no barranco do rio o lugar do desembarque, collocando sentinellas trepadas em árvores; e fazendo finalmente acampar ao longo do barranco á margem esquerda do rio toda a comitiva, e ahi passei a noite.

No dia 4 ás 5 horas da manhã puz-me em marcha com a força pelos pantanaes de Corumbá e ás 10 tambem da manhã do mesmo dia subirão o rio os dois vapores chegados á Corumbá no dia anterior.

Em marcha continuada desde o indicado dia 4, no dia 13, cheguei á Fazenda do Mangabal e ahi acampeí até o dia 17, em que resolvi acampar uma legoa distante da Fazenda, pois que apenas contava duzentos e vinte e três cartuchos distribuídos á força

que commandava e nenhuma resistência podia fazer no caso de encontro com as forças Paraguayas, e que era muito provável.

No dia 24 retirei-me do acampamento com destino á Fazenda do cidadão Salvador Corrêa da Costa, não só para comprar certos generos de que 309 necessitava para alimentar as praças, como também indagar se era possível ir aos Dourados buscar cartuchame e cápsulas, visto eu ter sabido que depois da explosão havida neste ponto, a força Paraguaya que o occupava se havia retirado. Dessa diligencia nenhum resultado colhi, pois que nessa occasião o referido ponto já se achava novamente occupado. Regressando no dia 25 para o acampamento em consequência do meo estado se saúde, tive de demorar- -me na Fazenda do cidadão José dias de Barros o resto do indicado dia 25 e o seguinte, podendo só seguir viagem ás 3 horas do dia 27. Ao chegar a Fazenda do Mangabal e della distante cerca de 70 braças, fui, pelo irmão de João d'Arruda em caminho encontrado e delle soube que uma força de 300 Paraguayos commandados por um Capitão, um Tenente e dois Alferes achava-se já dentro da mencionada Fazenda, e logo ao chegar ahi o citado capitão indagar de todas as pessoas onde eu me achava com a força sob meo commando, dizendo logo que inteirado estava de que eu e a força ahi nos achávamos.

Informado do que acima fica dito, tomei nova direção em busca do acampamento e ahi chegando ás 7 horas da noite não encontrei sequer uma praça; o acampamento havia debandado com a notícia da chegada da dita força; tomei a direita do acampamento em buscas das praças e seguindo sempre nessa direcção as 10 ½ da noite encontrei em um capão de matto vinte e três praças, algumas mulheres e crianças. Sendo essa hora já muito avançada e a campanha não se prestando ao transito de noite, ahi fiquei até 5 horas da manhã do dia 28: dando destino ás pessoas ahi encontradas, puz-me novamente em campo a procura das demais praças. Em fim, desde a noite de 27 para 28, quotidianamente reunindo a força, só no dia 13 de Fevereiro o pude conseguir, somente tendo perdido quatro praças; destes fui informado que uma voluntariamente se apresentára á força Paraguaya.

No dia 14 do mez de Fevereiro segui definitivamente á marcha subindo o rio Taquary, dispondo somente para esse effeito de um batelão que apenas supportava 26 pessoas e ne 2 montarias supportando cada uma 5 pessoas. Nessa occasião minha

comitiva compunha-se de 470 pessoas entre praças, paisanos, mulheres e crianças de ambos os sexos. No dia 26 cheguei á Fazenda do Bracinho á margem esquerda do Paraguay onde me refiz de viveres para a força; depois do que prosegui por terra a marcha, passando pellos pontos S. Bento, Gonçalves, Piquiry, Santa Luzia, Carrente, Santo Antonio do Paraiso, 310 Itiquira, Peixe de Couro, S. Lourenço, Tamanduá, Rebojo, Itaculumí, Aricá do Villa Mendes, Aricá, e Coxipó; chegando neste ultimo ponto no dia 30 fiz a entrada da força.

DO PESSOAL

Como é de suppor depois de uma retirada tão desordenada como a que teve lugar no dia 2 de Janeiro, a força perdeu toda a disciplina, a ponto de dizerem as praças que tendo o Snr. Commandante das Armas as deixado como iscas para a força Paraguaya ellas não se consideravão mais soldados, e assim que procurarião o rumo que lhes parecesse conveniente, assim pois, conclua V. Exa., qual seria a dificuldade com que tive de lutar para conseguir apresental- -a a V. Exa. com ordem e disciplina como me cumpria fazel-o.

Tão logo me foi possível alimentar a força, tratei de remilitarisa-la e disciplina-la, como antes ella se achava, o que, com inúmeros esforços e n'num curto lapso de tempo, consegui, sendo necessário para isso fazer alguns castigos.

Folgo em scientificar a V. Exa. que a força sob meo commando em numero de 230 praças de todos os Corpos da Guarnição desta Provincia, 4 presos de Justiça, 2 Guardas de Alfandega e um Amanuense de Policia não commetterão o mais leve acto que prejudicasse e nem offendesse a moralidade publica. Faltaria a um dever de gratidão e mesmo de justiça se passasse desaperebido tratar do 2º Tenente do 2º Batalhão d'Artra. a pé Manoel Joaquim de Paiva, pelo zelo, dedicação e sérios esforços que sempre empregou em prol da bôa ordem e disciplina que devia haver entre a força no decurso de tão longa e penosa marcha por espaço de 4 meses.

Tratando do 2º Tene. Do mesmo Batalhão João Isidoro Chaves, tenho a informar a V. Excia. Que durante 14 dias que fez parte da referida força, portou-se sempre bem e bastante me coadjuvou.

Tratando finalmente do 2º Tene. do Corpo de Artilharia Antonio Paulo Corrêa não posso deixar de bem informar a V. Exa. qual o procedimento e conducta desse official.

Esse official, como acima disse, offereceo-se para me acompanhar qdo, obtive permissão para dirigir a força embarcada na Escuna. Longe de persuadir-me que elle seria o flagello da força e plantaria entre ella a desordem, fiquei satisfeito por ter mais um companheiro que comigo devia juntar-se para colloca-la ao abrigo dos inimigos, visto não ser possível fazer-se nessa occasião uma resistência eficaz; vi logo malogradas minhas esperanças, pois assim que entrou na Escuna, deitou-se junto a uma mulher sobre a meia laranja, a vista da força, e de um modo ineiramente immoral, sem que dahi se levantasse e dêsse sequer providencias acerca da marcha e provisões para a força. Não ficou nisso. No dia seguinte ás 9 horas da manhã este official passou-se para uma pequena montaria com 2 paisanos dizendo que em consequência de estar com os pés feridos, ia-me esperar no lugar denominado – Laranjeira – algumas legoas distante do lugar em que estávamos; não achando plausível a razão por elle apresentada pois que sendo aquelle lugar quasi inhabitado e falto de recursos, ainda mais que sendo a montaria muito pequena e por isso de pouca segurança e de nenhum commodo, fácil, e mesmo provável era inflamar os pés e assim ficaria, senão inhabilitado, pelo menos, quasi, para fazer a viagem pelos pantannaes, om que era de suppor segundo a presumpção que havia, de que mais ou menos horas o inimigo estaria perseguindo a força.

A’ vista pois do que fica dito, conclui que o referido 2º Tenente procurou aquelle pretexto para melhor se escapar da garras do inimigo. Depois de 4 dias nos pantanaes de Corumbá encontrei o dito 2º Tenente que em consequência de ter visto os Vapores Paraguayos havia desembarcado da montaria e se refugiado no matto. Dahi em diante encostou-se á força, sem della cuidar nem ter a menor ingerencia.

Depois de se ter passado o Paraguay-Mirim, e em minha ausencia, ordenára elle ao 2º Sargento do Corpo de Cavallaria Francisco Manoel d’Araujo Sobrinho obstasse a marca das praças que se achavão atraz delle, cuja ordem fora intimada ás praças, porem não fôra observada, pois que ellas marchavão ao meo alcance certas de que marchando eu sempre na frente com algumas praças ainda fortes em busca de alguma rez, era de suppor matassem a fome que os devorava, de facto, assim acontecia, em consequencia do que, passou a maltratar com palavras injuriosas ao mencionado Sargento, e como este lhe observasse que elle o não podia maltratar por semelhante modo, fôra ameaçado de que, se desse mais uma palavra levaria um tiro, resultando de tal procedimento o indicado

Sargento amedrontou-se e ausentou-se da força, sendo este o único facto desta ordem que tive o desprazer de ver na força sob meo commando.

Tendo eu chegado como disse, na Fazenda do Mangabal no dia 13 de Janeiro, só no dia 14 á noite teve lugar a chegada delle 2º Tenente, tendo ambos sahido á mesma hora do Paraguay-Mirim sendo sua demora causada não por motivo justo, mas por pessoa que nem seo parente era.

Do exposto verá V. Exa. qual o zelo, interesse e humanidade que este official teve para com a força em questão. Assim pois nenhum fundamento achei e nem importancia alguma dei a este official, quando apresentando-se na manhã do dia 15 disse-me que sendo elle o official mais antigo a elle competia o commando da força.

Na manhã do dia 17 tambem de Janeiro por ocasião de formar a força para mudar de acampamento, apresenta-se elle mandando sahir da forma ás praças da 1ª Companhia do Corpo de Artilharia que outr'ora commandava, apenas sahirão duas, não querendo mais nenhuma sahir; á vista de semelhante recusa as demais praças que compunhão a força derão-me immensos vivas; depois do que, vendo-se elle desmoralizado e sem influencia alguma, teve de retirar-se da frente da força, passando depois a alliciar os Cadetes, Inferiores, Soldados, e mesmo paisanos para o acompanharem, afim de fraccionar a força servindo-se para isso de calumnias contra mim, a ponto de dizer ao Fazendeiro João d'Arruda e Cunha que os conhecimentos de generos por mim a elle passados para fornecimento da força nenhum valimento tinham pois que elle se opporia á seo pagamento com as etapes das praças.

Que um official de character honrado e circumspecto, n'um momento de raiva assim procedesse, revela-se, porem o official que tem em sua fé de officio tristes e vergonhosas notas não pôde com vantagem buscar equiparar-se com aquelle que ergue a fronte altiva por consciencia intima de sempre haver cumprido bem os seus deveres de homem e de soldado.

Aqui revela dizer a V. Exa. que me abalanço a pedir-lhe para tomar na devida consideração os factos acima espendidos, porque certo estou de que este official, dotado de uma alma mesquinha, de acções baixas como é, não olvidará exercer, servindo-se de sua autoridade, contra as praças do Corpo, 313 que infeliz considero por possuir em suas fileiras semelhante official, qualquer acto de vingança. Portarão-se com toda a

subordinação, actividade e dedicação durante a marcha do Corpo de Artilharia o Sargento Quartel Me. Antonio Baptista da Cunha, 1º Sargento Luiz Antonio Vieira, Furriel José Pereira dos Guimarães, e Sargento Coronheiro Sabino José Rodrigues; do 2º Batalhão de Artilharia a pé, 1º Sargento Manoel Gomes de Menezes, o Particular 2º Sargento Belarmino de Hollanda Cavalcanti; e do Corpo de Cavallaria 2º Sargento José Lemos d’Almeida Falcão.

OCCORENCIAS

Capturei na Fazenda de Santo Antonio do Paraiso o desertor de nome Martiniano Corrêa da Costa. Na mesma Fazenda, por denuncia que tive, mandei uma escolta de um Inferior e desoito praças a um morro della distante tres quartos de legoa, prender o 2º Cadete Delfino Luiz de Carvalho, e Soldado Belisiario da Costa Magalhães, ambos do Corpo de Cavalaria da Provincia, sendo o ultimo implicado no assassinato de um cabo do mesmo corpo, tendo tido elles noticia de que eu fazia unir á força as praças que em caminho encontrava, dias antes ao da minha chegada alli, se haviam refugiado. Apresentarão-se voluntariamente da deseção, da Armada – o Imperial Marinheiro do Vapor Anhambahy João Fernandes, e do Batalhão de Caçadores da Provincia, o soldado José Rodrigues Pires.

Foi-me entregue pelo cidadão Antonio Dias na Fazenda de S. Pedro o ex-cabo da força Paraguaya Francisco Sardiê.

Marcharão encostados á força os presos de Justiça do Forte de Coimbra Manuel Domingos, Joaquim Vicente, Antonio Pereira Leite, e o Indio Montó. Me é forçoso declarar que os referidos presos forão tirados das prisões, e junto a mim baterão-se com denodo em todos os ataques havidos no Forte de Coimbra, além disso durante a marcha, não tendo elles tido a menor sujeição quanto á prisão, a qui chegarão com toda a lealdade esperando e com toda a razão da manufidencia Imperial a recompensa de tanos trabalhos, e do valor que mostrarão em defeza da Patria.

Tive que comprar por conta da Fazenda Publica cinco cavallos para montar as praças enfermas que absolutamente a pé não podiam fazer a marcha, passando aos vendedores os competentes conhecimentos. Marcharão encostados á força o Amanuense externo de Policia Manoel Nonato da Costa Franco, e os guarda da Alfandega Laurindo Antonio da Costa e Manoel Corcillo.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

São estas, Exmo. Snr. As occurrencias que se deram, e que tenho a honra de submeter á sabia consideração de V. Exa., pedindo, outro-sim, que releve as lacunas de que vão inçadas.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel em Cuiabá, 1º de Maio de 1865. – IIImo. e Exmo. Sr. General Alexandre Manoel Albino de Carvalho, Presidente da Provincia – João de Oliveira Mello, 2º Tenente.

Conforme.

Joaquim Felicissimo d'Almeida Louzada.